

E tudo o que peço é uma boa nave e uma estrela para guiá-la

Xoán M. Paredes [*]

Morreu um ícone da cultura popular contemporânea, alguém que leva fazendo bulir as notícias e comentários nos últimos dias, especialmente no mundo anglófono, provocando até comunicados de imprensa oficiais de diversos organismos públicos. Era Leonard Nimoy, o actor que para sempre passará à história por representar a carismática personagem de Spock, na saga de ficção científica *Star Trek* ('O Caminho das Estrelas' em Portugal e 'Jornada nas Estrelas' no Brasil). Bom, mas, para além de fãs e de quem gostar do assunto, que importância tem?

Reconheço sentir a necessidade de dar tributo a quem me convenceu de que um outro mundo é possível, de quem me fez começar a questionar o estado das cousas, algo que derivaria na minha construção ideológica posterior. Não, não foram cerebrais leituras de teoria política, nem as obras de Marx e Lenine, isso virá depois; foi, como filho do meu tempo, a TV. Pois é, a cultura popular é duas cousas precisamente: cultura e popular, apesar de que muitos e muitas a ridicularizem, desprezem e, admita-mo-lo, géneros como a fantasia ou a ficção científica sejam vistos com frequência como menores, infantis ou irrelevantes em correntes de esquerda, tão preocupadas com o realismo e a práxis, sem tempo para a opiácea evasão...

A fantasia e a ficção científica são muitas vezes qualificadas de retrógradas, uma narrativa de reacção que no melhor dos casos apresenta uma crítica em forma de distopia ou exemplificador niilismo, desde o *Admirável Mundo Novo* de Huxley até o *Planeta do Macacos*. Como muito um divertimento inconsequente, para quem não leu Asimov, claro.

Contudo, esquece-se o que tantas vezes falta na evocação e chamado à acção: a épica, o sentido da luta comum, a causa, os laços que nos fazem pessoas no ideal partilhado, a esperança, também a ciência; a ciência e a razão, com um bocadinho de optimismo, como amigas e ferramentas do progresso, o futuro como o mundo a construirmos com essas ferramentas. A alegria do amanhã.

A ficção científica tem uma vantagem como género socialista, e é que olha cara o futuro, fala das relações entre essa ciência, a sociedade e o indivíduo. É um campo onde experimentar, projectar, debater, atrair a atenção de forma didáctica e agradável sobre esse futuro que queremos para nós e para as próximas gerações, onde realmente apeteça viver. Há de facto uma fantasia e uma ficção científica que é isto o que explora, jogando a imaginar em que o futuro vai se sair bem. Isto é o que fazia, por exemplo, *Star Trek*, inspirando muitas pessoas a tomarem a via da investigação, a sonharem sem vergonha e de mente aberta com um mundo melhor que é possível erguer, com tempo e esforço, e com muita memória para aprendermos dos erros.

Leonard Nimoy era o actor que fazia de Spock, e este era uma personagem escrita por guionistas em base a uma ideia do criador da série, Gene Roddenberry, assim que realmente é a ele a quem lhe devo muitas das minhas reflexões adolescentes e meditações sobre que queria dizer aquilo de "infinita diversidade em infinitas combinações". Mas por completar a homenagem devo dizer que Nimoy foi talvez um dos poucos actores e atrizes que compreendeu verdadeiramente o que o Roddenberry pretendia conseguir, alguém que foi quem de o transmitir através do seu trabalho e da sua vida como depois fez Patrick Stewart (Picard). É no episódio *Mirror Mirror*[1] da série original quando, valendo-se da lógica, um Spock num universo alternativo racionalizou-me a necessidade do fim do imperialismo e o militarismo do que até esse momento ele formava parte. Como com Roddenberry na sua experiência vital, surge a evidência do falhanço do capitalismo, do patriarcado, do racismo. Surge, logo, a necessidade de o expressar mediante um veículo artístico para partilhar essas ideias com as massas evitando a censura do momento no seu país. Quem faria caso a uma série de aventuras de alienígenas e naves espaciais? Ou ainda, quem saberia ler entre linhas?

Nalguns casos nem faz falta:

"As pessoas já não estão obcecadas com a acumulação de 'cousas'. Eliminamos a fome, a cobiça, a

necessidade de possuir. Superamos a nossa infância ... Este é o S.XXIV. As necessidades materiais já não existem.

- Então, qual é o desafio?

- O desafio ... é melhorar-se como pessoa, enriquecer-se como pessoa. Desfrute" (*The Neutral Zone*, TV, 1988).

ou

"O dinheiro não existe no S. XXIV ... A aquisição de riqueza já não é a força motriz das nossas vidas. Trabalhamos para nos melhorar assim como o resto da humanidade" (*First Contact*, filme, 1996).

Parabéns Sr Roddenberry, parabéns Sr Nimoy. Funcionou comigo. E obrigado.

Não é preciso acreditar no que digo, é só comprovar com alguns treitos dos 725 episódios e 13 filmes da franquia. Deixo a continuação uma escolma muito pessoal e introdutória a não perder das duas primeiras séries, tanto da original (TOS, 1966-1969), como da "Nova Geração" (TNG, 1987-1994).

Série original (TOS):

- *Balance of Terror* (15 Dezembro 1966; temporada 1, episódio 14): Tomando emprestada uma das expressões da época para referenciar a corrida armamentista entre os EUA e a União Soviética, este episódio apresenta uns novos inimigos da "Federação Unida de Planetas". Explora-se a natureza destrutiva dos prejuízos e a paranóia associada, assim como a tensão entre os dois comandantes, forçados a uma situação de confronto que eles, pessoalmente, querem evitar.

- *Space Seed* (16 Fevereiro 1967; temporada 1, episódio 22): A nave *Enterprise* encontra um grupo de humanos e humanas em estado criogénico. Pouco suspeitam que são em verdade o que fica da experimentação genética na procura de "super-homens" e "super-mulheres" que levou a uma guerra supremacista no passado (nosso futuro) da Terra. A história deste episódio foi depois continuada em *The Wrath of Khan* (1982), talvez o melhor dos 13 filmes da saga.

- *The City On The Edge of Forever* (6 Abril 1967; temporada 1, episódio 28): Considerado o melhor da série original, este é um episódio que no seu momento – falando da época que estamos a falar e entendendo o contexto – teve a "ousadia" de introduzir uma mensagem abertamente "feminista". Não só isso, rachou com a percepção feliz de que os heróis tudo podem salvar, exemplificando como o sacrifício pode ser dolorosamente necessário para sermos consequentes.

- [1] *Mirror, Mirror* (6 Outubro 1967; temporada 2, episódio 4): E se o futuro fora às avessas? Encontramos aqui com um universo paralelo onde a Terra é a cabeça dum tirânico império, não a pacífica Federação. É um episódio muito popular entre fãs, especialmente curioso enquanto à viragem de ângulo e o facto de o capitão Kirk e Spock, através da análise racional, determinarem a injustiça e futilidade do imperialismo e o militarismo.

"Nova Geração" (TNG):

- *The Measure Of A Man* (13 Fevereiro 1989; temporada 2, episódio 9): Que é ser humano? Que é "ser"? Quais os direitos dum ser inteligente? A sua liberdade? O juízo que pretende determinar se um andróide com consciência e raciocínio poder ser considerado propriedade. Este episódio foi a base do ensaio académico *Star Trek y los derechos humanos* (Alexy, R. e García Figueroa, A.J, 2007, Ed. Tirant lo Blanch).

- *Who Watches The Watchers?* (16 Outubro 1989; temporada 3, episódio 4): A tripulação da nossa nave favorita encontra com uma outra civilização menos desenvolvida e, por erro, estes últimos chegam a acreditar que os humanos e humanas são "deidades". O discurso racional impõe-se sobre a superstição e o medo, com algumas cenas de diálogos excelentes.

- *The Drumhead* (29 Abril 1991; temporada 4, episódio 21): Depois dum incidente de sabotagem inicia-se uma investigação, aparentemente muito formal e garantista, que deriva numa autêntica "caça às bruxas". Alguém deve pôr freio à situação, com o risco de ficar preso/a mesmo sendo inocente, pois tal é o grau de ilusão colectiva. O episódio considere-se uma crítica directa aos juízos e ideias pré-estabelecidas, e à perseguição de homossexuais e comunistas nos EUA durante o "[macartismo](#)".

- *The Outcast* (16 Março 1992; temporada 5, episódio 17): Ainda que o tema de género, sexualidade e relações amoroso-afectivas são tratadas ao longo de toda a saga de diversa maneira, existe uma tendência clara a elevar o papel da mulher e apresentar um futuro muito mais liberal e igualitário. Neste episódio, a temática LGTB é habilmente apresentada com tal de contornar a censura do "horário de audiência infantil" da televisão estado-unidense. Foi louvado e criticado por colectivos LGTB e mesmo por membros do elenco, críticas derivadas de não ter sido suficientemente audaz. Episódios posteriores sim foram mais explícitos por momentos, mas já não exclusivamente centrados no assunto. Em qualquer caso, marcou-se um fito.

- *The Inner Light* (1 Junho 1992; temporada 5, episódio 25): A exploração dos sentimentos e o sentido da vida, a importância da memória e o legado pessoal e colectivo. Um episódio de alta carga emotiva onde, como tantas vezes em *Star Trek*, a ficção científica é a escusa para poder contar um relato bem humano.

- *Chain of Command* (14-21 Dezembro 1992; temporada 6, episódios 10 e 11): Episódio duplo, onde o primeiro é uma introdução ligeira em chave de aventura, sem mais pretensões além duma exploração do princípio de autoridade, para a segunda parte, de carácter totalmente diferente. Desenvolve-se uma crua análise sobre a tortura e o desamparo, num duelo interpretativo de altíssimo nível. Sem dúvida um dos meus favoritos.

Leitura recomendada:

Bould, M. e Miéville, C. [eds] (2009): *Red Planets: Marxism and Science Fiction*. Pluto Press, London.

[*] O título deste artigo é um verso do poema *Sea Fever* (1916), de John Masefield. Este verso e este poema, assim como muitas outras referências náuticas, são frequentemente citadas em *Star Trek*. Este artigo foi escrito para, e publicado originalmente no, [Diário Liberdade](#) (2 Março 2015).

